



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL - CEEI

ROSIMAR LOCATELLI

INFÂNCIA INDÍGENA APINAYÉ E O PROCESSO DAS APRENDIZAGENS

Tocantinópolis/TO
2022

ROSIMAR LOCATELLI

INFÂNCIA INDÍGENA APINAYÉ E O PROCESSO DAS APRENDIZAGENS

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Curso De Especialização em Educação Infantil - CEEI para obtenção do título de Especialização e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr^a. Janaína Ribeiro de Rezende

Tocantinópolis/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L811i Locatelli, Rosimar.

INFÂNCIA INDÍGENA APINAYÉ E O PROCESSO DAS
APRENDIZAGENS. / Rosimar Locatelli. – Tocantinópolis, TO, 2022.

40 f.

Artigo de Especialização - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pós-Graduação em Educação
Infantil, 2022.

Orientadora : Janaina Ribeiro de Rezende

1. Infância Apinayé. 2. Aprendizagens. 3. Criança Apinayé. 4. Culturas de
Pares. I. Título

CDD 370.10542

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROSIMAR LOCATELLI

INFÂNCIA INDÍGENA APINAYÉ E O PROCESSO DAS APRENDIZAGENS

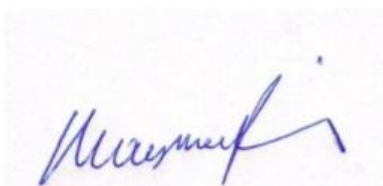
Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Especialização em Educação Infantil - CEEI para obtenção do título de Especialização e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 19/08/2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br JANAINA RIBEIRO DE REZENDE
Data: 12/09/2022 19:05:18-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Janaína Ribeiro de Rezende – UFT



Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias – UFT

Tocantinópolis, 2022

*Ao povo Apinayé, por sua luta e tamanha
resistência em defesa da nossa ancestralidade!
Meu filho Virgílio Locatelli, pela coragem que
me impulsiona todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a força maior que vem do ar, do jogo e da terra, minha Pachamama, mãe da terra, a natureza que me faz ser. A tudo que aprendi com os povos indígenas, o valor humano, dos seres e o respeito à vida.

Aos meus, aqueles que me acompanham na alegria e na dor, minha família!

Minha casa, meu lar! Que me proporciona a calma.

A minha querida orientadora Janaína Ribeiro de Rezende, pelas ricas partilhas de afeto e conhecimento. Sem ela não seria possível a construção de um estudo tão amoroso.

A UFT, minha eterna casa, por mais uma oportunidade de crescimento pessoal.

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um recorte de um estudo exploratório a partir de uma revisão de duas pesquisas etnográficas realizadas com o povo Apinayé, no intuito de destacar aspectos sócio-históricos e culturais da infância indígena Apinayé e dados da pesquisa de campo que revelam o cotidiano e a infância da criança Apinayé. O desígnio desse olhar, recai sobre as aprendizagens das crianças Apinayé relacionadas à infância. Buscamos a partir do construto teórico responder o questionamento: Como as crianças indígenas Apinayé transitam entre as suas culturas infantis e o universo das múltiplas aprendizagens em que vivem? Com isso, buscamos verificar como esse processo se desdobra em novos conhecimentos às crianças Apinayé, refletindo como elas se encontram e se entrelaçam com esses saberes, pois vivem suas infâncias nas manifestações que acontecem na comunidade a partir de uma dimensão coletiva e social da infância Apinayé, que se apresentam repletas de significados, que pode se distinguir na individualidade de cada uma. Assim, compreendemos a infância como um espaço de construção da personalidade social da criança Apinayé, revelada continuamente nos meios socioculturais.

Palavras-Chave: Infância Apinayé; Aprendizagens; Infância indígena; Culturas de Pares.

ABSTRACT

In this article, we present an excerpt from an exploratory study based on a review of two ethnographic research carried out with the Apinayé people, in order to highlight socio-historical and cultural aspects of Apinayé indigenous childhood and field research data that reveal the daily life and the childhood of the Apinayé child. The purpose of this view falls on the learning of Apinayé children related to childhood. Based on the theoretical construct, we seek to answer the question: How do Apinayé indigenous children transit between their childhood cultures and the universe of multiple learning in which they live? With this, we seek to verify how this process unfolds in new knowledge for Apinayé children, reflecting how they meet and intertwine with this knowledge, as they live their childhood in the manifestations that take place in the community from a collective and social dimension of Apinayé childhood, which are full of meanings, which can be distinguished in the individuality of each one. Thus, we understand childhood as a space for the construction of the Apinayé child's social personality, continually revealed in sociocultural environments.

Key words: Apinayé childhood; Apprenticeships; Apinayé child; Peer Cultures.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Imagem da igreja matriz de Tocantinópolis.....	13
Figura 2. Crianças Apinayé com a pesquisadora no ano de 2009	16
Figura 3. Coletando dados, entrevista com a professora indígena	18
Figura 4. Crianças Apinayé no pátio da Escola Mãtyk da Aldeia São José	26

LISTA DE SIGLAS

CEEI	Curso de Especialização em Educação Infantil
UFT	Universidade Federal do Tocantins
TI	Terra Indígena
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins
ISA	Instituto Socioambiental

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1.	Objetivos	16
1.2.	Percursos investigativos – Caminhos percorridos	16
2	INFÂNCIA INDÍGENA OU VIVÊNCIAS INFANTIS DISTINTAS?	21
3	OS JEITOS DE SER CRIANÇA APINAYÉ: A INFÂNCIA COMPARTILHADA	24
3.1	Apinayé: vida e resistência entre os rios Araguaia e Tocantins	24
3.2	As aprendizagens Apinayé: “meu quintal é maior do que o mundo”	26
3.3	A infância, a cultura infantil Apinayé e os rituais tradicionais	29
4	APONTAMENTOS E HORIZONTES POSSÍVEIS: CRIANÇAS APINAYÉ PRODUTORAS DE CULTURA	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é foi produzido como trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Tocantinópolis – TO. Nesse sentido, buscamos trazer elementos para refletir sobre a infância indígena Apinayé, povo que vive em Terra Indígena demarcada na década de 1980 e localizada ao Norte do estado do Tocantins, na região conhecida como Bico do Papagaio. A fonte das informações apresentadas nesse trabalho é de pesquisas realizadas anteriormente (LOCATELLI, 2012; LOCATELLI, 2016), que possibilitaram que reflexões e considerações sobre o modo de ser criança no contexto sociocultural Apinayé.

Às margens do rio Tocantins há uma cidade antiga, cheia de história, com um patrimônio cultural rico. Tocantinópolis – TO é descrita no Hino do Município (MARANHÃO; LOPES, s/d) da seguinte forma:

Beijando as águas Tocantinas
 Na orla de um palmeiral,
 Está a linda Boa Vista
 Sempre altaneira e sem rival.
 Cidade onde o progresso impera,
 Orgulho do tocantinense,
 O seu destino está talhado
 Na grandeza de um futuro abençoado.
 E lá centro está o babaçu
 Na terra o mineral
 Na mata o cumaru

A romantizada letra do hino da cidade de Tocantinópolis esconde todos os conflitos vivenciados com as populações indígenas que ocupam parte considerável do território municipal. As terras, antes de serem conhecidas como Boa Vista do Padre João, carregam em suas entranhas muitas memórias, construções do passado como experiência coletiva de formação de opiniões e tradições. Quase 45% da área do município de Tocantinópolis é ocupada pela Terra Indígena – TI Apinayé.

Dessa forma, buscamos nas palavras de Pierre Nora (1993, p. 21) reflexões sobre o lugar de memória:

A historiografia, inevitavelmente ingressada em sua era epistemológica, fecha definitivamente a era da identidade, a memória inelutavelmente tragada pela história, não existe mais um homem-memória, em si mesmo, mas um lugar de memória.

Nessa memória, marcada por conflitos religiosos, territoriais e políticos, há histórias que marcam diversas mudanças enfrentadas. Por um lado, povos indígenas vivem e resistem

historicamente no território, que, aos poucos, foi sendo disputado com “invasores” brancos, portadores de um projeto de sociedade que nega a forma ancestral de organização de quem já estava aqui antes de 1500.

A Terra Indígena Apinayé foi demarcada em 1985, momento em que parte do território que reconhecidamente pertencia aos indígenas já tinha sido ocupado por fazendas, sítios, povoados não indígenas. Por conta disso, muitas famílias venderam o que tinham na roça e vieram morar na cidade em busca de melhoria de vida; outras, deixaram o campo, forçadas pela demarcação das terras indígenas. Concomitantemente ao processo de demarcação da TI, a população enfrentou um contexto desafiador

Durante a década de 1980, Tocantinópolis apresentou duas ‘faces’ bem distintas na primeira face, conhecida nacionalmente como ‘Década Perdida’ a cidade conheceu a segunda estagnação econômica, [...] o fraco crescimento econômico do país pelo fracasso do regime militar (1964-1985). O município também foi atingido, pois perdeu duas agências bancárias, duas salas de cinema, [...] entre outras infraestrutura e equipamentos urbanos. Na segunda face, os tocantinopolinos presenciam a criação do Estado do Tocantins (05/10/1988). Que consolida o sonho dos habitantes do antigo norte goiano. (SOUSA, 2008, p. 23-24).

Figura 1 – Imagem da igreja matriz de Tocantinópolis.



Fonte: Acervo pessoal (2009).

A história da cidade de Tocantinópolis está presente em imagens e relatos orais, lembranças e a memória do povo, pois pouco se tem de literatura. Mas o pouco de registros disponíveis marca a trajetória de conflito e rivalidade entre moradores de Tocantinópolis e a população Apinayé¹. Da Mata (1976) constatou que, na década de 1970, o distanciamento e hostilidade existente entre os indígenas e a população de Tocantinópolis eram, na verdade, um sentimento que misturava medo e preconceito tanto pelo “povo da rua”, como é chamado quem mora na cidade, como para os Apinayé.

Esses sentimentos colonizatórios, construídos pela narrativa urbana e não indígena, permanece dentro dessas relações:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2017, p. 8)

Sem dúvida, a busca por compreender e constatar o enorme equívoco que essas memórias urbanas de Tocantinópolis relatam foi um dos motivos que conduziram a realização dessa pesquisa. Para tanto, esperamos nos contrapor à postura “civilizatória” e colonizadora que grande parte da sociedade tocantinopolina e da região tem com relação aos indígenas Apinayé.

Infelizmente, ainda hoje há inúmeros conflitos entre as sociedades indígena e não indígena, que podem ser notados em diferentes contextos. O direito à educação escolar é uma das esferas em que as contradições se manifestam. Assim, buscamos através das nossas pesquisas retratar a realidade e conhecer a infância indígena Apinayé, de modo a refletir sobre as aprendizagens múltiplas desse contexto social, que envolvem tantos saberes. Buscamos no decorrente estudo, a compreensão sobre a infância indígena do povo Apinayé, que se configura como lócus de nossa investigação.

A luta por espaços políticos, sociais e de direitos é uma busca constante encarada pelos povos indígenas. Neste contexto, os estudos relacionados à infância indígena não se destacaram nas análises sobre o conhecimento da infância. Historicamente, sempre privilegiou os domínios da experiência humana do pensamento ocidental, enfatizando a realidade das economias

¹ A escolha da grafia do nome Apinayé foi definida pelas contribuições dos estudos de Numendajú (1983), que relata sobre o nome da comunidade, citado pela primeira vez, na forma de pinarés e pinagés, passando, posteriormente, para Apinayé.

centrais. Desta forma, esse estudo busca compreender à infância indígena desatrelando-a de uma concepção de infância generalizada de uma visão hegemônica europeia, urbana e branca. Procuramos discutir o objetivo precípua do processo de desenvolvimento das aprendizagens e como essas relações podem construir para uma identidade cultural indígena e o desenvolvimento pleno da criança Apinayé.

As práticas sociais presentes na comunidade atuam enquanto conjunto extenso de habilidades, as quais as crianças Apinayé vão gradativamente aprendendo à medida que participam e estabelecem relações com elas. Assim, o processo de socialização das crianças Apinayé é uma dimensão importante para entendermos essa cultura indígena. A fim de tentar compreender aspectos das infâncias indígenas, além de refletir sobre características da infância Apinayé e o sentido que tal sociedade indígena atribui à criança, olhamos para as formas de ser criança nas aldeias. Assim buscamos responder os seguintes questionamentos:

Como as crianças indígenas Apinayé vivenciam culturas infantis e o universo das múltiplas aprendizagens em que vivem?

Quais os sentidos que a sociedade indígena Apinayé atribui à criança?

A delimitação temática do trabalho conquistado no estudo da Infância Indígena Apinayé, a partir de uma revisão de pesquisas etnográficas realizadas na Aldeia São José, localizada no município de Tocantinópolis/TO. As concepções sobre a criança Apinayé foram exploradas a partir de estudos etnográficos de mais de oito anos, por meio dos quais entramos em contato com aspectos da vida cotidiana, a realidade e saberes desse povo.

As pesquisas foram desenvolvidas na graduação em Pedagogia, sistematizadas no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (LOCATELLI, 2012), e durante o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, na mesma universidade (LOCATELLI, 2016), ambos trabalhos foram orientados pelo professor Dr. Francisco Edwiges Albuquerque.

Nos estudos do campo da etnologia indígena, pesquisas sobre a infância vem aos poucos tomando proporção. Nesse sentido, contribuições para a compreensão da criança indígena Apinayé como protagonista das suas vivências e aprendizagens podem ser de grande relevância para os estudos em relação à infância indígena no Brasil, que é uma área recente e pouco explorada academicamente.

Debruçar sobre a infância indígena Apinayé é trazer ao contexto das discussões atuais um tema que valoriza a singularidade e a diversidade que estão envoltas à vivência infantil, o que possibilita o aprofundamento do conhecimento de vivências infantis distintas.

1.1. Objetivos

Objetivo Geral:

Discorrer sobre a infância, as formas de sociabilidade e transmissão do conhecimento das aprendizagens da criança indígena Apinayé.

Objetivos Específicos:

- Levantar contribuições da literatura para a compreensão das múltiplas infâncias.
- Identificar as especificidades da infância Apinayé.

Relacionar as aprendizagens que contribuem com o fortalecimento da cultura indígena e os saberes tradicionais.

- Discorrer sobre os aspectos da aprendizagem em pares, como processo de desenvolvimento da criança Apinayé.

1.2. Percursos investigativos – Caminhos percorridos

Esse trabalho se baseia em informações levantadas em pesquisas e trabalho de campo, que somam mais de oito anos de estudos com os Apinayé. Para contextualizar as fontes das informações utilizadas na construção desse artigo, apresentamos inicialmente um resumo dessa jornada etnográfica entre os Apinayé.

Na graduação em Pedagogia da UFT, Campus de Tocantinópolis, desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado *Criança Indígena Apinayé a Alfabetização Bilíngue no contexto da Aldeia São José* (LOCATELLI, 2012), orientado pelo Professor Dr. Francisco Edwiges Albuquerque, pesquisador de grande referência, com inúmeras contribuições acadêmicas e publicações sobre os estudos linguísticos e educacionais do povo Apinayé.

Esse estudo tinha como objetivo compreender como a alfabetização bilíngue era desenvolvida na Escola Estadual Indígena *Mãtyk*, localizada na Aldeia São José, a partir da observação de que forma as crianças Apinayé estavam recebendo esse conhecimento na sala de aula. A proposta de pesquisa foi formulada de modo a explorar os espaços de aprendizagens, refletindo sobre: o processo histórico do povo Apinayé; o universo infantil da criança Apinayé e suas relações sociais com a comunidade, a partir de um olhar sobre a educação bilíngue; o processo e os efeitos que a alfabetização bilíngue produz no aprendizado das crianças Apinayé e as principais dificuldades enfrentadas por elas no processo.

Nessa pesquisa, buscamos explorar a formação da criança neste contexto de construção de uma identidade indígena e a aquisição dos conhecimentos a partir dos ensinamentos diários. Foi possível perceber que havia uma necessidade de buscar a construção desse sujeito bilíngue nas relações sociais, uma vez que a história recente do povo Apinayé é atravessada por uma vivência com modelos culturais não-indígena, que foi imposta socialmente de forma muito impactante, mudando e reconstruindo as relações sociais estabelecidas entre eles e entre a sociedade.

Ressaltamos, nesse aspecto, a necessidade da valorização dos ensinamentos dos costumes e tradições guardados nas memórias dos poucos anciões ainda existentes na comunidade e que, ao morrer, levam esses conhecimentos consigo, de forma que essa cultura tradicional pode se apagar caso não seja cultivada pelas crianças e adolescentes. Como exemplo, podemos citar alguns rituais, artesanatos e cantorias que já não fazem parte do cotidiano da comunidade, por terem se perdido. Destacamos também neste processo que a educação escolar Apinayé pode ser lugar privilegiado para essas aprendizagens, uma vez que cultivar os aspectos tradicionais da cultura indígena deve ser uma das responsabilidades da instituição de ensino nesse contexto.

No estudo da proposta curricular bilíngue, refletimos sobre a concepção dessa formação bilíngue e sobre quem é o sujeito que aprende o Português como segunda língua e qual o papel do professor bilíngue diante dessa diversidade linguística. A pesquisa nos remeteu a algumas fidúcias: a) de que a alfabetização bilíngue não acontece nas séries iniciais, mas a partir do 5º a 6º ano do Ensino Fundamental, e este processo está subsequente a muitos fatores intermediários, tanto escolar, como sociocomunicativo, fora da escola; b) que o ensino bilíngue demanda uma formação mais ampla e complexa por requerer habilidades e domínios linguísticos que não condiz com a realidade da língua falada entre os Apinayé, pois se trata de um português étnico, que se configura na oralidade e adquirido nas relações sociais dentro e fora da aldeia; c) o papel do professor nesse processo é de grande relevância e precisa estar alinhado a uma proposta bilíngue e intercultural, que venha possibilitar o processo de uma alfabetização nas duas línguas.

Figura 03 – Coletando dados, entrevista com a professora indígena.



Fonte: Acervo pessoal (2012).

A segunda pesquisa foi desenvolvida durante o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, na mesma universidade, no campus de Araguaína, também sob a orientação e supervisão do professor Dr. Francisco Edwiges Albuquerque. A dissertação teve como título: *O processo de aquisição do português como L2 (Segunda língua)* (LOCATELLI, 2016).

Tratou-se de pesquisa etnográfica, que buscou oferecer subsídios para dar continuidade aos achados do trabalho anterior, aprofundando a partir daí na compreensão do processo de aquisição do Português como segunda língua – L2 entre os alunos Apinayé do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental da Escola Indígena *Mãtyk*, da Aldeia São José. A faixa etária escolhida se deu pelo motivo de ser nessa etapa que de fato eles começam a apropriação da segunda língua. Assim, investigamos como o Português era ensinado e como essas crianças aprendiam.

É válido ressaltar que a língua Apinayé, denominada como língua materna, é a primeira língua que aprendem na aldeia e, portanto, a língua que as crianças são inicialmente alfabetizadas, já o Português é a segunda língua. Os resultados da pesquisa apontam um ensino fragilizado do Português como L2, o que contribui com questões bem complexas, como o isolamento e desigualdade de acesso dos indígenas aos bens culturais, intelectuais e

tecnológicos da sociedade hegemônica, sendo um fator que aumenta a discriminação que eles sofrem na sociedade não indígena.

Entendemos que esse é um processo intrincado e que se constitui de forma dialética, na qual convivem duas situações extremas e complexas: de um lado, a sociedade indígena com seus valores culturais e língua estigmatizadas e do outro, a sociedade majoritária que mantém o domínio das relações culturais, linguísticas, políticas, econômicas e financeiras, em que as comunidades indígenas estão cada vez mais dependentes e submetidas às regras para sobreviverem. Assim, os Apinayé se fortalecem pela manutenção de sua cultura através das práticas tradicionais, rituais, cantorias, pinturas e a língua, o que favorece a identidade étnica. Ao mesmo tempo em que o domínio da Língua Portuguesa é fundamental para as relações interétnicas, o que exerce uma relação de poder entre as culturas. No entanto, há um conflito linguístico, que precisa ser superado para a acomodação dessas duas línguas.

Figura 04 – Crianças Apinayé no pátio da Escola *Mãtyk* da Aldeia São José



Fonte: Acervo pessoal (2014).

Com base nas informações reunidas na convivência nas aldeias durante o desenvolvimento dessas pesquisas, passamos a refletir sobre aspectos que caracterizam a infância Apinayé. A partir de 2020, período de início da realização do curso de Especialização em Educação Infantil da UFT, em decorrência da pandemia de Covid-19 e das restrições sanitárias para evitar a disseminação da doença, o acesso às aldeias passou a ser restrito. Dessa forma, não foi possível realizar novas incursões a campo, conforme planejado inicialmente.

Assim, as informações e registros já realizados nas pesquisas anteriores foram os subsídios para a realização do presente trabalho, que visa a sistematização em torno desse tema, a fim de contribuir para a compreensão das infâncias indígenas e, particularmente, da Apinayé. Para a obtenção de dados, nos atentamos às observações dos trechos das pesquisas que revelam as características da infância Apinayé, assim como, às muitas anotações do diário de bordo com informações inéditas, que na época não eram o objeto das pesquisas. Além disso, partimos de percursos investigativos de base bibliográfica que subsidiaram a elaboração desse trabalho. As observações dessas pesquisas nos levam a pensar em várias situações de aprendizado na infância, de forma que nesse estudo vamos trazer as evidências que marcam essa etapa da vida das crianças Apinayé.

2. INFÂNCIA INDÍGENA OU VIVÊNCIAS INFANTIS DISTINTAS?

Quando nos propomos a falar sobre a infância, a primeira ideia que nos vem à cabeça é nossa própria infância, o lugar das brincadeiras, os amiguinhos, o pé de laranjeira, os jogos, os banhos de rio, as histórias da escola, das longas caminhadas para estudar, na lama do inverno ou a poeira do verão nas estradas da transamazônica. Enfim, falar da infância nos remete a um tempo nostálgico de memórias de uma vida sem a preocupação com o futuro. Mas o estudo sobre o tema também lembra que existem várias infâncias e que a concepção de infância que possuímos hoje faz parte de toda uma trajetória histórica de um longo processo social, que vem se estruturando e se transformando.

Desde as pesquisas de Ariès (2011) na arte medieval, por volta do século XII, nota-se que a infância não era representada. No final do século XIII a criança não era caracterizada por expressão particular, mas encontrava-se registro de homens em miniatura como ilustração dessa fase da vida. Na história hegemônica da Europa, a infância era considerada uma fase sem importância e, durante muito tempo, permaneceu silenciada e invisibilizada.

E como é/são a/s infância/s indígena/s? Ao longo da nossa investigação buscaremos relatar um pouco do cotidiano e das marcas que revelam a infância da criança Apinayé, a partir dos registros etnográficos de 2012 e 2016.

Podemos afirmar que existe “uma” infância indígena? Essa pergunta realmente é desafiadora. O que de fato podemos entender como infância indígena, já que, partir para uma singularidade em meio tanta diversidade é extremamente complexo?

Nos estudos do campo da etnologia indígena, a infância vem aos poucos ganhando espaço, na busca de contribuir para a compreensão da criança indígena como protagonista das suas vivências. Conforme indicam Tassinari (2009) e Cohn (2013), o estudo em relação à infância indígena no Brasil é algo recente.

Ao debruçarmos sobre a infância indígena, percebemos que o tema não comporta a diversidade que está envolto à vivência infantil, que é atravessada por fatores econômicos, geográficos, culturais e linguísticos, que possibilitam vivências infantis distintas. Embora sejam inúmeras as diferenças culturais entre os povos, os estudos não fazem essa distinção e trazem aspectos de criação das crianças que se assemelham entre os diversos grupos étnicos, conforme observa Mandulão (2006, p. 219):

Quando a criança nasce, é uma extensão da mãe que a amamenta e a protege. A criança é socializada pela família e nas relações cotidianas da aldeia. Ela aprende fazendo, experimentando, imitando os adultos. As crianças acompanham os pais e os seus brinquedos são miniaturas dos instrumentos

que posteriormente irão utilizar em sua vida de adulto. Neste sentido, podemos inferir que a forma de ensinar nas comunidades indígenas têm como princípios inseparáveis a construção do ser, pela observação, pelo fazer, testado dentro de um contexto real.

No Brasil, temos alguns estudos acadêmicos contemporâneos que estão se dedicando a essa temática, apontando relevantes aspectos para a construção de uma etnologia indígena brasileira. Aracy Lopes da Silva, Ana Vera da Silva Macedo e Ângela Nunes (2002) trazem a construção de uma nova perspectiva de infância indígena, rompendo com a visão “adultocêntrica” historicamente predominante.

As autoras (SILVA; MACEDO; NUNES, 2002, p. 18), apresentam seis princípios para compreender a noção de infância indígena:

1. A infância deve ser entendida como uma construção social, fornecendo assim um quadro interpretativo para os primeiros anos da vida humana. [...]
2. A infância deve ser considerada como variável de análise social, tal como gênero, classe e etnicidade, [...]
3. As relações sociais e a cultura das crianças são merecedoras de estudos em si mesmas, independente da perspectiva e dos interesses dos adultos.
4. As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que as rodeiam, e na da sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais.
5. A etnografia é um método particularmente útil ao estudo da infância. [...]
6. A infância é um fenômeno em relação ao qual uma dupla hermenêutica das ciências sociais está presente, ou seja, a proclamação do novo paradigma da sociologia da infância também deve incluir e responder ao processo de reconstrução da infância na sociedade

Com base nesses princípios, é que nos propomos a falar sobre a infância Apinayé, entendendo que é um contexto étnico composto de uma enorme diversidade cultural. Compreendemos que existe uma variedade multiétnica das infâncias indígenas e não é possível abranger a totalidade dessas manifestações a partir do estudo de um povo. Além disso, é necessário o afastamento da concepção generalizada de uma infância urbanizada, eurocêntrica, da classe dominante, moradora das regiões centrais do país que tende a ser adotada nos estudos sobre crianças. É preciso buscar um olhar amplo das formas indígenas de entender à infância.

A priori, é importante se aproximar das maneiras distintas e culturais da criança indígenas para perceber sua infância. Nesse sentido, buscamos referências nas produções acadêmicas sobre as infâncias indígenas, como também, o processo das aprendizagens das crianças Apinayé, com base nas poucas literaturas que revelam a participação dessas crianças nas atividades cotidianas, nos rituais tradicionais da aldeia, bem como nas relações com os adultos.

Ademais, a luta por espaços políticos, sociais e de direito é uma busca constante encarada pelos povos indígenas. Como uma expressão dessa falta de reconhecimento, reforçamos que os estudos relacionados à infância indígena não costumam ter destaque e por muito tempo foram negligenciados. Assim, os poucos avanços nessa área no Brasil remetem, principalmente, ao campo da antropologia e da sociologia da infância.

Tassinari (2007, p. 22) ressalta cinco aspectos importantes de serem considerados nos estudos sobre a(s) infância(s) indígena(s):

- 1) o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão;
- 2) o reconhecimento de suas diferentes habilidades frente aos adultos;
- 3) a educação como produção de corpos saudáveis;
- 4) o papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas;
- 5) o papel da criança como mediadora dos diversos grupos sociais

Essas novas perspectivas com relação às infâncias indígenas quebram paradigmas, contribuindo para a compreensão da especificidade do conhecimento dessas infâncias, que historicamente privilegiou os domínios da experiência humana do pensamento ocidental. Afirma-se, hoje, a infância como um tempo da vida, uma condição singular da experiência humana (DEBORTOLI, 2002).

Assim, nossos olhares e as relações estabelecidas com as crianças Apinayé são bastante distintas da visão colonizadora, por entendermos a infância a partir das singularidades dessas crianças, dentro dos aspectos culturais de suas sociedades. Além disso, faz-se necessário observar as categorias sociais presentes nas diferentes áreas do conhecimento, que contribuíram para um olhar apropriado, com uma compreensão específica sobre a infância indígena Apinayé.

Nesse trabalho, foi possível perceber o lugar que a criança Apinayé ocupa, o seu espaço e seu mundo, cheio de liberdade e respeitabilidade, com condições de brincar, produzir e reinventar a sua própria história, bem como participar do universo cultural de sua sociedade.

3. OS JEITOS DE SER CRIANÇA APINAYÉ: A INFÂNCIA COMPARTILHADA

3.1. Apinayé: vida e resistência entre os rios Araguaia e Tocantins

Os Apinayé, que pertence ao grupo dos povos Timbira e cuja língua faz parte da família linguística Jê, possui uma cultura marcada pela tradição oral, rica tanto do ponto de vista material como imaterial, vivendo entre os rios Araguaia e Tocantins. A Terra Indígena Apinayé é acessada pelas rodovias TO 126, que liga os municípios de Tocantinópolis e Maurilândia, TO 134 e BR 230 Transamazônica (ALBUQUERQUE, 2007), em território que abrange os municípios de Cachoerinha, Maurilândia do Tocantins, São Bento do Tocantins e Tocantinópolis.

Sua população é de aproximadamente 2.277 de acordo com Sisai/Sesai (2014), vivendo da caça, pesca, coleta e agricultura como formas de subsistência no território. No entanto, essas formas de reprodução da vida sofrem os impactos do desmatamento, urbanização, expansão do agronegócio e de grandes projetos de desenvolvimento na região. Portanto, as formas de vida tradicionais nem sempre têm garantido o provimento de alimentos que seria necessário. Além disso, uma fonte de renda importante das famílias Apinayé vem da aposentadoria dos idosos e de programas sociais, como o Bolsa Família, bem como de salários de membros que trabalham em cargos públicos, em escolas ou no serviço de saúde, de acordo com as informações do Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins – DSEI/TO (LADEIRA; AZANHA, 2003).

Esse povo vive suas tradições e contribui de forma grandiosa com a preservação e manutenção dos riachos, fauna e flora da região, o que pode ser confirmado em dados apresentados pelo Instituto Socioambiental – ISA (s/d), com relação aos índices de desmatamento da TI.

A abundância da riqueza cultural e natural pode ser vislumbra pelo leitor em outros estudos. Giraldin (2004), citado por Sotero Apinagé (2017) afirma que

Os Apinajé são mais um grupo que pensa o universo unificado através do compartilhamento de elementos, os espíritos presentes tanto no reino animal quanto no vegetal. Tais elementos mostram que também para os Apinajé não se aplica aquela dicotomia clássica do pensamento das sociedades, separando natureza e cultura. Para os Apinajé os elementos da flora são considerados mais fortes dos elementos da fauna, de maneira que quase todas as coisas existentes da natureza possuem espírito imperitamente. Os espíritos possuem duas partes: uma mais forte e a outra mais fraca (GIRALDIN, 2004, apud SOTERO APINAGÉ, 2017. p. 60).

Na dissertação de mestrado de Sotero Apinagé (2017), o autor destaca que mesmo com a vivência cada vez mais ampla com a cultura de *kupê* (não índio), os Apinayé se mantêm num ato de resistência enquanto comunidade tradicional, apesar de todos os conflitos enfrentados,

sejam de ordem social, linguística, religiosa e, principalmente, cultural. Os Apinayé, ao longo dos anos de contato com a sociedade branca, vêm tentando manter viva sua cultura, mas estão em conflito permanente com a população da cidade, em função de aspectos econômicos e políticos (SOTERO APINAGÉ, 2017, p. 104).

Nesse sentido, fortalecer o ensino étnico nas escolas indígenas pode ser uma das alternativas para manter viva essa cultura, e as crianças são o foco principal dessa ação pedagógica. As crianças fazem parte da cultura Apinayé de forma vívida e ativa. A compreensão desse espaço de vivência é de extrema importância para a manter vivo esse povo.

Entender a infância vivenciada pelas crianças Apinayé e identificar como as formas de sociabilidade e transmissão do conhecimento das aprendizagens delas têm contribuído para fortalecer a identidade indígena é um dos objetivos desse trabalho.

A escolha do tema comunga com o interesse de contribuir para novas pesquisas sobre os Apinayé, com olhar voltado à infância e as múltiplas aprendizagens no contexto indígena, tema pouco explorado em pesquisas acadêmicas. Sabemos que os estudos relacionados à infância indígena tendem a não se destacar em análises acadêmicas de forma geral, dado que o conceito de infâncias enquanto construções sócio-históricas e o reconhecimento das crianças como sujeitos ativos e produtores de cultura é recente. O pouco estudo na área, em geral, privilegiou determinados grupos sociais, idealizando a infância a partir de um viés eurocêntrico e colonizador, que desconsideram outras formas de ser criança. Dessa maneira, as infâncias indígenas são temas que precisam ser melhor compreendidos, como uma forma de conhecermos e aprendermos sobre as culturas e as formas de vida das sociedades indígenas.

As práticas sociais presentes na comunidade atuam enquanto conjunto extenso de habilidades, as quais as crianças Apinayé vão gradativamente aprendendo, à medida que participam e estabelecem relações com elas. Assim, o processo de socialização das crianças Apinayé é uma dimensão importante para entendermos essa cultura indígena. A fim de tentar compreender como as crianças indígenas Apinayé transitam entre as suas culturas infantis e o universo das aprendizagens essenciais, além de refletir sobre características da infância Apinayé e o sentido que tal sociedade indígena atribui à criança, olhamos para as formas de ser criança nas aldeias.

A partir desses questionamentos, nossos estudos foram direcionados no sentido de trazer algumas reflexões sobre o tema. Destacamos que os frutos desse trabalho vêm de um longo convívio que nos permitiu construir um sentimento além do campo de pesquisa. Foram vivências espontâneas e lúdicas com as crianças Apinayé, em momentos informais, bem como

nas festas culturais, no banho coletivo no riacho da aldeia e em muitas outras situações do cotidiano, que possibilitaram a construção do objeto de pesquisa.

Figura 02 – Crianças Apinayé com a pesquisadora no ano de 2009.



Fonte: Acervo pessoal (2009).

3.2. As aprendizagens Apinayé: “meu quintal é maior do que o mundo”²

Enquanto base teórica, remetemo-nos aos estudos de Curt Nimuendajú (1983); Roberto da Matta (1976); Francisco Edvigés Albuquerque (1999; 2007); Severina Alves de Almeida (2010; 2011); Rosimar Locatelli (2012; 2016) sobre a infância entre os Apinayé. A partir da leitura dos autores, levantamos os principais aspectos da história e da cultura da infância Apinayé, do papel que exercem dentro de sua sociedade indígena e as aprendizagens.

Para iniciarmos nossa contenda neste tópico, vamos entender o que seriam essas “aprendizagens”. Existe um consenso entre os trabalhos analisados, de certo modo, ao caracterizarem a aprendizagem da criança indígena quando participam das atividades cotidianas,

² Parafraseamos Manoel de Barros (2015), em seu poema com esse mesmo título, ao recordar de sua infância no campo.

dos rituais tradicionais e pela observação de pessoas adultas. Nesse sentido, essas práticas ou memórias funcionam como exemplo ou modelo para seu aprendizado. Essas memórias da cultura Apinayé vão do mito à produção de artesanato, vivenciadas e praticadas, não só entre os adultos e idosos, mas também entre as crianças. Estas, por sua vez, enquanto dançam e cantam as músicas indígenas com os mais velhos, brincam, constroem memórias e aprendem. Nesse momento, recebem o conhecimento, transmitido nas falas, nas ações e, principalmente, durante os rituais e as festas tradicionais, onde a criança vivencia, participa, brinca com os adereços, pinta-se, come e corre pelo pátio.

Ao falar da infância Apinayé, é necessário destacar o lugar que elas vivem, convivem e um conjunto de fatores que as envolvem. Inicialmente, os Apinayé vivem em famílias extensas, chegando a morar até seis famílias nucleares em uma mesma casa, ou seja, até a quarta geração de uma família³ mora junto. Isso significa que as crianças convivem em espaços de experiências e socialização intensa entre os adultos e os seus pares.

O entendimento de elementos que fundamentam a infância no cotidiano das crianças Apinayé é fortemente marcado pela compreensão de que esse é um momento único de existência, e que não se espera outra coisa além do que já é, pois sabem que a criança já é tudo o que precisa ser. Além disso, ela precisa brincar para ser plenamente criança (MUNDURUKU, 2018).

Os Apinayé respeitam este momento único e percebemos o processo de aprendizagens, construindo a identidade cultural indígena nas crianças, que se desenvolvem de forma plena, a partir das diversas maneiras que se constitui o processo educacional Apinayé.

Para Lave e Wenger (2003), a aprendizagem compõe um aspecto da prática social, ligada ao conjunto de ações que ocorre em todas as atividades, fruto de um processo da participação ativa dos envolvidos. A aprendizagem, para esses autores, é concebida com a coparticipação dos participantes, marcadas pela diferença de perspectivas individualizadas de cada um.

Tassinari (2009) destacou cinco aspectos recorrentes que configuram o aprendizado das crianças indígenas: a) a forma de interação entre crianças e adultos; b) as noções da cultura local sobre corpo, aprendizagem e desenvolvimento infantil; c) as posições diferentes que as crianças assumem no processo; d) a indissociabilidade do momento de ensino com o momento da prática; e) as práticas são desenvolvidas, principalmente, no contexto da aldeia.

³ Na sociedade Apinayé existem dois tipos de família, a nuclear, formada pelos pais e filhos, e a extensa, que comporta também o marido que se agrega à família da esposa, e sua “parentela” (NIMUENDAJÚ, 1983; DA MATTA, 1976 *apud* ALMEIDA; MOREIRA, 2009).

É possível identificar cada um dos aspectos descritos acima no aprendizado entre os Apinayé, pois o primeiro lugar de aprendizagem das crianças é o quintal de sua própria casa, no terreiro, no pátio, no chão de barro. Lugar onde nasceram e, quando ainda pequenos, iniciam seu processo de socialização. Luís Donisete Benzi Grupioni (1994) relata que as crianças indígenas aprendem como em todo lugar, elas têm seu pequeno mundo, têm brinquedos de palha, de madeira, de barro e cabaça, imitam os adultos nos afazeres cotidianos.

As pesquisas entre os Apinayé mostram que muitos dos ensinamentos são passados das mães para filho(a). As crianças pequenas estão sempre nos colos de suas mães, que os amamentam a todo momento. Dessa forma, desde que nascem, os bebês são integrados na cultura comunitária, já que a responsabilidade de criação parece ser compartilhada por toda a aldeia, mãe, pai, família e outras crianças. Ao aprender a andar, a participação das crianças nas atividades da casa se intensifica, tendo contato com objetos, alimentando-se sozinhas, pegando na terra.

Acompanhar ao cotidiano das crianças Apinayé é um processo revitalizador. Durante a prática de observação, é necessário se livrar dos preceitos de criação doravante acumulados de outra realidade, da criança cheia de panos, com tantas preocupações em não ficar no chão, não andar descalço etc., já que no território indígena a realidade é muito diferente das crianças urbanas. A vivência cotidiana na aldeia proporciona às crianças uma liberdade, a solidariedade que se torna ato muito comum entre os pequeninos no dia a dia.

As crianças Apinayé dividem o tempo com as atividades escolares e com suas brincadeiras, na maioria dos períodos estão expostos ao tempo e a natureza; brincam no chão com a terra, inventam brinquedos com peças de pau, barro ou ossos, algumas têm acesso a brinquedos urbanos como bola e bonecas (LOCATELLI, 2012, p. 32)

Assim, o processo da aprendizagem corresponde ao âmbito familiar, onde as crianças são inseridas desde o nascimento na vida de seu grupo doméstico. No ambiente da casa, e de certa forma, conforme a criança cresce, ela extrapola o limite da casa e vivencia todo espaço da aldeia (que de certa forma, é a casa dela). O ribeirão, o pátio, o campo de futebol, as árvores são espaços de socialização e aprendizagem das crianças. As crianças aprendem a andar e a falar, recebem os primeiros ensinamentos nesses espaços.

As autoras Aracy Lopes da Silva, Ana Vera da Silva Macedo e Ângela Nunes (2002) destacam o papel das crianças como sujeitos sociais completos e interlocutores legítimos no processo de aprendizado e desenvolvimento. Elas afirmam que constituir uma concepção própria do que é ser criança indígena na aldeia, possibilita que o processo de aprendizagem dela ocorra através de iniciativas próprias.

Para a criança Apinayé, as aprendizagens ocorrem por concepções e iniciativas próprias que são decorrentes das culturas infantis. As crianças têm muita autonomia, mas compartilham as brincadeiras, banhos de ribeirão, as produções de brinquedo e os cuidados umas das outras de forma coletiva, comunicam-se, participam e se envolvem nos ritos, nos costumes tradicionais conjuntamente com as demais, escutam os saberes e compartilham o ser criança.

De acordo com Corsaro (2011), são nessas interações com seus pares, ou seja, os grupos sociais com que se relacionam e nos contextos de vida em que estão inseridas, que as crianças, agentes sociais ativos e criativos, produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis. Essas aprendizagens, que estão nos pátios, nos quintais e nos terreiros das aldeias, não tem uma formalidade educacional, mas são determinantes no mundo particular dessas crianças, que são permeadas de uma construção histórica de hábitos e costumes do conhecimento popular e eminentemente coletivo que acontece entre pares.

Segundo o autor, a cultura de pares infantil pode ser definida como um conjunto estável de rotinas ou atividades, valores, artefatos e preocupações que as crianças vão produzindo e compartilhando em interação com outras crianças.

[...] uma suposição importante da abordagem interpretativa é que características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido e, em certa medida, a resistir ao mundo adulto. (CORSARO, 2011, p. 129)

O autor mostra que as famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cultura de pares, de modo geral, é nessa interação, do contato das crianças umas com as outras, que encontramos o essencial para o desenvolvimento e a aprendizagem.

Sem dúvida, a família é muito importante para as crianças Apinayé, é a primeira referência que elas têm, e a partir daí, vão gradativamente aprendendo, a medida que participam e estabelecem relações em ambientes que estão inseridas desde muito pequenas, principalmente, nos rituais tradicionais.

3.3. A infância, a cultura infantil Apinayé e os rituais tradicionais

A comunidade indígena Apinayé, como muitas comunidades indígenas, têm suas características que as diferenciam de outros grupos, possui uma cultura extremamente rica, cultuam muitas crenças, praticam seus rituais culturais e espirituais, que refletem suas manifestações religiosas. As crianças estão sempre presentes nesses espaços, seja como observadoras ou fazendo parte da cerimônia.

Algumas dessas manifestações foram destacadas nos estudos de Curt Nimuendajú. Seleccionamos o conceito de alma que envolve, principalmente, o cuidado com as crianças Apinayé:

[...] A família de um morto, evita que durante o período de luto as crianças andem na roça, com medo da alma do falecido. As almas ou sombras são mortais, isto é, depois que passam muito tempo na terra elas morrem ou transformam-se em outra coisa como: tocos, cupins ou animais. Em vida, a alma de uma pessoa pode se desligar do corpo, isso pode ocorrer principalmente com as crianças, que ao levarem uma queda ou um grande susto, sua alma poderá sair de seu corpo e ficar perdida no mato, na roça ou no local que a criança estava no momento da queda. Ninguém, com exceção do *vayangá*⁴, vê a alma ou ouve o choro da criança, e, só este pode pegar a alma da criança e reintroduzir nesta (NIMUENDAJÚ, 1983, p. 113).

Assim, as crianças Apinayé passam suas infâncias na convivência de muitos rituais e costumes. De acordo com Locatelli (2016), o *Mẽ kãm mẽ hixi* (festa de nome de batismo) é um dos rituais mais comuns entre os Apinayé e costuma ser realizado sempre que nasce uma criança. Por meio desse ritual, a criança é batizada e recebe um nome.

O tempo que caracteriza o fim da infância e a adolescência é marcado pelo ritual de passagem chamado *Wỳýtỳ* (ritual de passagem). No relato da anciã Mẽno⁵, foi informado que esse ritual é próprio da etnia Krahô e não é muito praticado na Aldeia São José, por ser dispendioso de recursos financeiros para a organização de uma grande festa e nem todas as famílias conseguem fazer. Esse costume foi trazido a esse povo a partir de muitos casamentos existentes entre Apinayé e Krahô. O ritual de passagem, geralmente, é feito com a menina ou menino por volta dos 12 a 14 anos, pois é a partir daí que deixam a adolescência e já estão prontos para seguir suas vidas como adultos, sendo visto como um ato de libertação (LOCATELLI, 2016).

Todos os rituais exercem um papel muito importante na aprendizagem da criança Apinayé. É nessa interação que vão estabelecendo os laços culturais, a compreensão do seu espaço enquanto sujeitos pertencentes de uma sociedade étnica e construindo sua identidade.

[...] A diversidade das culturas e a riqueza de conhecimentos, saberes e práticas a elas associada, tantas vezes negada pelo saber hegemônico e pelo poder autoritário, hoje é reconhecida e valorizada, abrindo espaço para o reconhecimento e a aceitação da diferença e do pluralismo (GRUPIONI, 2001, p. 87)

⁴ *Vayangá* é o curandeiro na cultura Apinayé.

⁵ Entrevista com uma senhora idosa na Aldeia São José, durante a pesquisa de campo (2015).

Para as crianças Apinayé, aprender esses costumes não é só garantir a continuidade de seu povo, há uma responsabilidade de uma cultura ameaçada e vulnerável que incide sob os ombros desses pequenos, que mesmos nem sempre conscientes disso, carregam a luta de uma sociedade inteira, de modo a resistir e manter essa cultura.

Dada essa realidade, são crianças que brincam, que usam adereços, que se pintam, que dançam, cantam, que falam sua língua, de forma espontânea. Essas aprendizagens são realizadas conforme os costumes indígenas, promovendo o conhecimento interno, social e cultural daquela comunidade. Essa dimensão de saberes é um desafio para os indígenas, que precisa ser consciente e coletiva, com a participação efetiva de todos, crianças, adultos, idosos e comunidade escolar.

Então, ser criança indígena Apinayé é aprender dentro de sua cultura, uma vivência diversa e complexa. A partir da qual percebemos e (re)afirmamos o valor das crianças como protagonistas dos seus espaços e participante dos contextos sociais em que são inseridas.

4. APONTAMENTOS E HORIZONTES POSSÍVEIS: CRIANÇAS APINAYÉ PRODUTORAS DE CULTURA

As concepções sobre a criança Apinayé foram exploradas a partir das pesquisas etnográficas de mais de oito anos, por meio das quais compreendemos aspectos de sua vida cotidiana, sua realidade e seus saberes. Percebemos a liberdade e natureza como aspectos constitutivos do modo de ser criança Apinayé, pois, elas estão distantes dos perigos advindo da violência urbana, o que lhes permite o silêncio, o respiro, outro tempo que a vida na aldeia lhes proporciona (LOCATELLI, 2011, p. 30). As brincadeiras são aspectos da vida cotidiana das crianças Apinayé, identificadas nas mais simples formas de brincar, com pequenos objetos e elementos da natureza ou mesmo reinvenção do significado desses objetos e, principalmente, com o corpo.

As crianças, geralmente ensinadas pelas mães, respeitam e tem obediência aos mais velhos, que estão sempre ensinando as tradições através da oralidade e do exemplo. Dessa forma, a criança Apinayé se integra gradativamente a realidade do mundo social, aprende sobre sua cultura e produz suas próprias manifestações, criando seus espaços de aprendizagens.

Para Egon Schaden (1976), o processo de educação nessas sociedades é realizado basicamente pela reprodução e pela participação da criança no mundo adulto, já que ela compartilha do cotidiano da casa, onde é envolvida com os trabalhos domésticos, que na maioria do tempo está ligada a cuidar dos irmãos mais novos, lavar a louça, varrer a casa e buscar água, auxiliando assim, o trabalho da mãe. Nesse sentido, podemos nos valer do conceito de reprodução, que para Corsaro (2011, p. 31) “inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais”.

Assim, as crianças Apinayé vão se desenvolvendo, aprendendo à medida da construção de um espaço individual e nas relações com seus pares, momento que atuam e interagem na criação dessas relações sociais e no processo de aprendizagem que estão inseridas desde muito pequenas.

Como percebemos nos estudos anteriores de Locatelli (2016), o tempo de infância e a condição de crianças para os Apinayé é construído nessas relações compartilhadas entre seus pares nessa fase da vida. Apesar de ajudarem em algumas atividades nas tarefas dos adultos, as crianças estão sempre juntas, usam o tempo em suas brincadeiras, no banho do riacho, na caça aos pássaros, nas caminhadas em busca de frutas, no jogo de bola, e nas rodas de conversas com os adultos. Essas são cenas comuns a qualquer visitante da aldeia, as crianças estão sempre agrupadas em volta de uma árvore ou no puxadinho da casa de palha.

Essas observações reafirmam as concepções de Corsaro (2011), ao definir as crianças como sujeitos ativos na interação com os grupos sociais. Assim, podemos compreender as crianças Apinayé enquanto agentes sociais ativos e criativos nessas relações e nos contextos de vida em que estão inseridos no dia a dia da aldeia.

Resgatamos um excerto de uma observação de uma brincadeira de crianças Apinayé com um baralho, realizada na Aldeia São José, em 2011.

[...] na brincadeira com o baralho sujo percebe-se que, na maioria do tempo, creio, [as crianças] não sabiam o direcionamento do jogo. Mas dentro de suas regras dão a entender certa harmonia na ordem das cartas, eu não entendia forma que jogavam, mas para elas era divertido e nem se incomodaram com minha presença, continuam brincando por muito tempo [...]⁶.

É nesse espaço, que as crianças Apinayé ressignificam e reproduzem suas culturas infantis. O velho baralho sujo tem diversos significados e na alegoria do jogo que elas recriam, elaboram as regras, o conjunto de competições, o que vence e aquele que perde, contam histórias e viajam pelo mundo encantado do imaginário, que é somente delas.

Percebemos ainda, nesse ato, que ao mesmo tempo elas também contribuem para a produção de uma nova cultura na comunidade, quando reinventam o tempo, as brincadeiras e o uso de objetos próprios de sua infância, são capazes de interferir nesse espaço, como ser produtor de novas culturas.

As crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito pequenas. Sua inserção no mundo acontece pela observação cotidiana das atividades dos adultos, uma observação e participação heterodoxa que possibilitam que elas produzam suas próprias sínteses e expressões. A partir de sua interação com outras crianças – por exemplo, por meio de brincadeiras e jogos – ou com os adultos – realizando tarefas e afazeres de sobrevivência –, elas acabam por constituir suas próprias identidades pessoais e sociais. (BARBOSA, 2007, p.1066)

O brincar é visto de forma positiva e permeia todas as ações das crianças Apinayé que, por meio de brincadeiras e jogos e do envolvimento com a cultura do seu povo, constrói-se a compreensão de mundo e as regras que habita seu meio social. Por essa razão o brincar é tão importante e necessário não só na infância, mas por toda a vida.

Observações registradas no Diário de Bordo, no dia 11/10/2011, realizado na Aldeia São José, Terra Indígena Apinayé, em Tocantinópolis – TO.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No recorte que fizemos dos estudos realizados, percebemos que a vida da criança indígena Apinayé, apesar da proximidade da área urbana de Tocantinópolis, ainda difere das crianças da cidade. Essas crianças indígenas participam das tradições de seu povo, cultivam costumes tradicionais e vivem, convivem e respiram a natureza, aprendem observando os mais velhos e participando da vida dos adultos.

Compreendemos que para a criança indígena Apinayé, assim como todas as crianças, a **socialização** é o que dá significados ao seu cotidiano e são estas situações que estão relacionadas aos aspectos da aprendizagem.

Além disso, entendemos que as práticas sociais presentes na comunidade atuam enquanto conjunto extenso de habilidades, as quais as crianças Apinayé vão gradativamente aprendendo à medida que participam e estabelecem relações com elas. O processo de socialização das crianças Apinayé é uma dimensão importante para entendermos essa cultura indígena.

As crianças indígenas Apinayé transitam entre as suas culturas infantis e o universo das aprendizagens essenciais, sendo que o fazem de forma vívida e ativa. O espaço de vivência e de partilha é de extrema importância para a manutenção da cultura desse povo, resistência que tem início na infância.

Dessa maneira, as brincadeiras são aspectos da vida cotidiana das crianças Apinayé, identificadas nas mais simples formas de brincar, com pequenos objetos e elementos da natureza e, principalmente, com o corpo, que se põe em movimento, correndo, pulando, subindo em árvores, manipulando a palha de babaçu para construir brinquedos ou banhando no ribeirão. A tradição oral e o respeito aos mais velhos são elementos presentes na educação Apinayé, o que permite o aprendizado da cultura. Dessa forma, a criança Apinayé se integra gradativamente à realidade do mundo social, aprende sobre sua cultura e produz suas próprias manifestações, criando e compartilhando seus modos de estar no mundo.

Essa compreensão da infância indígena Apinayé vem a partir do olhar mais aprimorado para os meninos e as meninas das aldeias, buscando analisar a relação dessas crianças com os seus pares, o modo específico de socialização com a sua comunidade e cultura presentes no seu contexto social, processos que estão diretamente ligados ao processo de desenvolvimento das aprendizagens. Nesse sentido, destacamos a importância da realização de estudos complementares, que aprofundem o conhecimento sobre as culturas infantis Apinayés, a fim de

dar mais visibilidade para esse modo de vida que tem tanto a ensinar às sociedades não indígenas.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Myriam Martins. “**Kitoko Maxakali**: A criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização”. Revista *Anthropológicas*, Recife, n. 15, v. 1, p. 49-78, 2004.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed.: LTC, Rio de Janeiro, 2011.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contribuição da fonologia ao processo de educação indígena Apinayé**. Niterói, 2007, 255 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- ALMEIDA, Severina Alves de. **A Educação Escolar Apinayé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural**: Um Estudo Sociolinguístico das Aldeias São José e Mariazinha. Dissertação de Mestrado. UFT - Universidade Federal do Tocantins. Araguaína: 2011.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 2004.
- BALDUS, Hebert. **Tapirapé Tribo tupí no Brasil Central**. São Paulo: Nacional, São Paulo, 1970. P. 286-287.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As Socializações e a escolarização no entretecer destas culturas**. IN: Educ. Soc, Campinas, v.28, n.100- Especial, p.1059-1083, out.2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 02/05/2022.
- BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**: Antologia. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CORSARO, William A. A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz- de-conta” das Crianças. In: *Educação, Sociedade e Cultura*, nº 17. Porto: Afrontamento, 2002. (p. 113 a 133).
- D'ANGELIS, Wilmar R; VEIGA, Juracilda. **Leitura e escrita em escolas indígenas**. Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1997.
- DEL PRIORI, Mary. **História da criança no Brasil**. São Paulo : Contexto, 2006.
- BOGDAN. Robert & Biklen, Sari. **Características da Investigação qualitativa**. In: _____. *Investigação Qualitativa em Educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. Porto. 1994. p. 47-51.

CAVALCANTI, M. C. **Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contexto de Minorias Lingüísticas no Brasil**. DELTA, volume 15, número especial, 1999. p. 385-417.

DAMATTA, Roberto – **Relativizando**: Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

DAMATTA, Roberto. **Um Mundo Dividido**: A Estrutura Social dos Índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. 2ª. ed. Porto Alegre, Artmed Bookman, 2006.

DESLANDES. S. F. NETO. **O social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 1994.

DA SILVA, M. P.; AZEVEDO, M. M. **Pensando as escolas dos povos indígenas no Brasil**: O movimento dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre. In:

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Perspectivas teórico-epistemológicas en la investigación educativa**. In: Investigación cualitativa en educación: fundamentos y tradiciones. España: McGraw-Hill, 2003.

ERIKSON, Frederick. Prefácio – IN: COX, Maria Inês Pagliarini / PETERSON, Ana Antonia de Assis (orgs). **Cenas da sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 13ª. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2006.

FABRÍCIO, B. F. **Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem**: redescritões em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65

FISCHMANN, Roseli. (Org). **Povos Indígenas e Tolerância construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo: EDUSP, 2001.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Funasa/ DSEI-TO**. Brasília, 2014.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó, Argos, 2007.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINA YO, M. C. S. (O,g.).

GRUPIONI, L. D. B. Os povos Indígenas e a Escola Diferenciada: Comentários sobre alguns instrumentais jurídicos internacionais. In: GRUPIONI, L.D.B.; VIDAL, Lux; FISCHMANN, Roseli. (Org). **Povos Indígenas e Tolerância construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo: EDUSP, 2001.

HAMMERSLEY, M. & ATKINSON, P.; **Ethnography: principles in practice**. London: Routledge, 1983.

HENRIQUES, Ricardo et. Al. **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola**. Brasília: MEC, 2007.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. Terras indígenas no Brasil: Terra Indígena Apinayé. s/d. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3584#pressoes>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Povos indígenas no Brasil: Apinajés**. Instituto Socioambiental, 2003. Disponível em: <<https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%C3%A9>> Acesso em: 07 ago. 2022.

LAVE, J.; WENGER, E. (1991). **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da USP, 1970.

LOPES DA SILVA, Aracy e GRUPIONI, Luis Donizeti Benzi. **A Temática Indígena na Escola Novos Subsídios para Professores de 1º. E 2º. Graus**. MEC/MARI; UNESCO, 3, ed., 2000, p. 291-311.

LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Org.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002. 280 p. (Coleção Antropologia e Educação).

LOPES DA SILVA, Aracy e GRUPIONI, Luis Donizeti Benzi. **Educação para a Tolerância e Povos Indígenas no Brasil**. In: GRUPIONI, L.D.B.; VIDAL, Lux; FISCHMANN, Roseli. (Org). Povos Indígenas e Tolerância construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: EDUSP, 2001.

LOCATELLI, R Aquisição do Português como Segunda Língua Pelos Alunos Apinayé aa Aldeia São José. 2016. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado e Doutorado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína – TO

LOCATELLI, R. **As crianças indígenas Apinayé e a alfabetização bilíngue: um estudo exploratório na Aldeia São José**. 2012. 54f. Monografia de graduação – Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2012.

LOCATELLI, Rosimar; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. **A Alfabetização Bilíngue das crianças indígenas Apinayé da Aldeia São José: aspectos pedagógicos e sociais**. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de (Orgs.). Educação escolar indígena e diversidade cultural. Goiânia: Ed. América, 2012. pp. 48-93.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MANDULAO, Fausto da Silva. Educação na visão do professor indígena. In: GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (org). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

MARANHÃO, Alfredo; LOPES, Cristóvão. **Hino de Tocantinópolis – TO**. Tocantinópolis, s/d. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/1825125/>. Acesso em 07 ago. 2022.

MASON, Jennifer. **Qualitative researching**. London: SAGE Publ, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N.49, São Paulo, junho 2002

MELATTI, Júlio Cesar. **Índios do Brasil**. Hucitec, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MILES, M.; HUBERMAN, A. (1984,1994). **Qualitative data analysis**: A sourcebook of new methods. Newbury Park, CA: Sage.

MUNDURUKU, D. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: O reencontro da memória. In: _____. DORRICO, J. DANNER, L. F. CORREIA, H. H. S. DANNER, F. (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

NIMUENDAJÚ Curt. **Os Apinayé**. Belém: Ed. UFPA, 1983.

RODRIGUES, José Carlos. **Ensaio em antropologia do poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.

SCHADEN, Egon , **Aculturação indígena**: ensaios sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos. São Paulo, Pioneira. 1959.

SCHADEN, Egon , **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo, EPU/Edusp. 1989[1945] 1974.

SCHADEN, Egon. **A mitologia heroica das tribos indígenas do Brasil**. São Paulo, Edus, 1945.

TASSINARI, Antonella. **Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação**. In: LOPES DA SILVA, Aracy; LEAL, Mariana Kawall Ferreira (Orgs.). Antropologia, História e Educação – A questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001, p. 44-70.

